

Em clima de muita alegria e emoção, realizou-se no dia 1º de novembro, no restaurante do Clube Minas II, em Belo Horizonte, o Jantar de Congratamento anual da AD-UNIFEI BH.

A seção de homenagens foi aberta pela Diretora Regional, Maria Isabel Dutra (Bel) que agradeceu a presença de todos, em especial a do Diretor da Regional Brasília, Marcelo Santana, ressaltando o magnífico trabalho de sua gestão que se encerra este ano. Salientou ainda, a presença de Léa Degow, acompanhada de seu marido, o Engº Jorge Degow, sendo ela a Presidente do grupo de voluntárias responsáveis por um belo trabalho social que vem sendo realizado no Hospital das Clínicas de Belo Horizonte, do qual fazem parte várias esposas de associados da AD-UNIFEI BH.

Laura Ricci, sócia honorária da Regional BH

Reuniões de ex-alunos de nossa Escola, em Belo Horizonte, vêm se realizando há mais de 50 anos, lideradas pelos colegas que vieram trabalhar na CEMIG na década de 50. Portanto, congratamento como o que agora estamos realizando já existiam muito antes da criação formal da Regional BH de nossa Associação, que se deu em 1978 - exatamente há 30 anos - com a eleição do colega Martinho Marques Mello como seu primeiro Diretor.

Também já se tornou tradição em nossa Regional a homenagem que vimos realizando anualmente à turma que comemora o seu Jubileu de Ouro de formatura, que vem se repetindo há mais de 10 anos.

Assim, cumprindo esta nossa tradição, estamos homenageando a turma de 1958, em especial os nossos colegas: **Carlos Alberto Venâncio de Oliveira**, aqui presente com sua esposa Benita e o filho Alberto; **José Gabino Junior**, acompanhado de sua esposa Stella, as filhas Maria Lúcia, Maria Tereza, Maria Eugênia e Maria Paula, os genros Rogério, Marcos e Gleyber, e ainda seus netos Laura, Davi, Beatriz e Renato; e o terceiro homenageado, **Arnaldo Mattos de Lima**, de saudosos memórias, representado por sua esposa Míriam e o filho Álvaro.

Ao homenageá-los, pretendemos registrar algumas passagens sobre cada um deles.

Carlos Alberto é natural de Campos, Estado do Rio de Janeiro. Decidiu estudar em Itajubá sob a influência de outros conterrâneos que haviam se formado no I.E.I., inclusive de seu primo Filadelfo Venâncio, formado em 1953, ano em que chegou na cidade decidido a prestar o vestibular do início do ano seguinte. Contrariando a cultura local de que não conseguiria ser aprovado no vestibular sem ter cursado o Científico no Colégio de Itajubá ou o Cursinho Konduru, Carlos Alberto venceu este desafio, integrando-se no início de 1954 à turma de 29 jovens orgulhosos de pertencerem ao tão conhecido e respeitado I.E.I. - Instituto Eletrotécnico de Itajubá.

Ao se formar, Carlos Alberto foi trabalhar em uma Termelétrica, em Flórida Paulista. Convidado para integrar a equipe de projeto da Hidrelétrica de Três Marias, veio trabalhar na Servix, em Belo Horizonte, posteriormente na Engevix. Tornou-se então, grande especialista em projetos elétricos da área de geração de energia. Em 1985, com a desativação do escritório desta empresa em Belo Horizonte, Carlos Alberto ingressou na CEMIG, na área de Distribuição, onde trabalhou até 1997 ao se aposentar.

Apesar de nunca ter deixado de comparecer a este nosso congratamento anual, Carlos Alberto é uma pessoa bastante reservada. Não é de se expor ou contar casos que nos dê a conhecer com maior intimidade. Assim, achamos por bem recorrer a um de seus colegas de República, Ronaldo Carneiro Wagner, da turma de 1957, que nos relatou algumas peripécias bastante curiosas do seu tempo de estudante em Itajubá:

"Eu e Carlos Alberto, amigo e conterrâneo, tivemos a oportunidade de conviver durante 5 anos em uma surrealista República de estudantes, onde todos tinham direitos precariamente assegurados, de maneira a prevalecer um direito maior, o direito atualmente "careta" - um por todos, todos por um. Era a República Quatro Azes e um Coringa, que ao longo da sua existência abrigou muitos estudantes campistas como eu. A República contava, também, com dois ilustres frequentadores que moravam nas vizinhanças e lá faziam as refeições, Gabino e Arnaldo, amigos desde a infância, vindos da cidade mineira de Itaúna.

Mas aqui vou lembrar alguns fatos curiosos sobre meu conterrâneo e colega de República Carlos Alberto, o

e integrando do grupo de voluntárias, apresentou os resultados dos trabalhos desenvolvidos no ano de 2007, solicitando apoio financeiro daqueles que puderem colaborar, para que possam dar continuidade a este trabalho.

Para prestar as homenagens programadas, Bel passou a palavra para Marita Arêas Tavares, Vice-Presidente da AD-UNIFEI Nacional, complementada com depoimento de José Gabino Junior, um dos homenageados.

Também fez uso da palavra o colega Carlos Alberto da Silva, com rápidos comentários sobre o personagem que será tema de sua palestra no próximo dia 23 de novembro, em Itajubá - o Engº José Ernani de Lima - formado na primeira turma da UNIFEI, em 1917. A palestra é uma promoção da

aluno que não se contentava com as teorias eletromagnéticas, pois vivia testando, sem medo e com seus próprios dedos, a lei de OHM, na prática. Chegado das cervejadas do Bar Marabá, de alegre memória, mal entrava na República grudava com intrépida firmeza o polegar e o indicador da mão esquerda ou direita, na fase e no neutro da Companhia Sul Mineira, expostos no quadro de luz pregado simploriamente na parede da sala. E divertia-se a valer, convidando os colegas a lhe dar a mão, acreditando - quem sabe - poder recuperar forças para a semana seguinte, recarregando as suas e as nossas "baterias".

Lembro-me ainda, de Carlos Alberto, quintanista, já quase um engenheiro electricista, que testava o seu poderoso rádio "rabo-quente" usando o dedo como ponta de prova para detectar se havia corrente chegando em cada uma das válvulas. Ora bolas! - dizia - por que a corrente não está chegando no alto-falante? o defeito só pode ser no capacitor!

Tinha também como costume amplificar o som do seu despertador de maneira improvisada e criativa. Amarrava um pedaço de fio na chave da porta da República, que era enfiado na trazeira do despertador. Na hora aprazada - segunda-feira 6 horas! (prova logo na primeira aula!) - a chave caía sobre o papel aluminizado arrancado da carteira de seus cigarros, fechando o circuito da tomada e fazendo operar o seu rádio, previamente sintonizado nas ondas da ZY-I 5 no mais alto volume...

Com essas doces e alegres lembranças transmito o meu abraço ao Carlos Alberto e a cada um desta turma simpática, sem distinção de endereços, tanto os da terra como aqueles que agora reinam nos céus e partiram ao encontro do Arnaldo, o primeiro da turma a nos deixar, tão prematuramente."

E quanto ao Gabino?

Quem nasceu em Minas Gerais, em um lugar chamado Serra da Saudade, só poderia vir a ser um poeta. Assim estava escrito!

Gabino chegou a Itajubá em 1952, em companhia de seu grande amigo Arnaldo, praticamente um ano antes do Carlos Alberto. Ambos haviam estudado no Instituto Padre Machado, em Belo Horizonte. Partiram para Itajubá com uma carta de recomendação a ser apresentada ao Conduru, que estava se formando naquele ano e havia fundado um Cursinho pioneiro na cidade. Encontraram-se casualmente no Bar Marabá, que viria a ser cenário de tantas histórias... E Conduru foi logo prevenindo-os de que, sem cursar a disciplina de Geometria Descritiva em Itajubá - que era eliminatória do vestibular - não conseguiriam entrar no I.E.I. Assim, fizeram o Cursinho em 1953 e foram bem sucedidos no vestibular de 1954, cientes de que 5 anos depois fariam parte de uma classe super privilegiada na época, de engenheiros muito disputados no mercado de trabalho. Sem contar que também acabavam de entrar para a lista de bons-partidos da cidade.

Muitas das histórias vividas pelo Gabino são bastante conhecidas. Como todo poeta e tocador de violão, não podia deixar de ter pendor para a boemia! Pelo que sabemos, mais restrita às mesas do Bar Marabá e na medida certa, pois além de bom aluno era professor no Cursinho, professor de Química na Escola de Enfermagem, foi presidente do Diretório Acadêmico e contribuía semanalmente

com suas poesias para o Programa Acadêmicos no Ar, imperdível aos sábados, na Rádio Itajubá.

Vale a pena aqui registrar algumas dessas histórias, das quais se tornou personagem sob o cenário do Bar Marabá. Rodadas de cerveja entremeadas de muita conversa, quase sempre corria madrugada adentro. Nessas circunstâncias, muitas vezes Gabino recebia as chaves do estabelecimento com a recomendação de que anotasse o consumo e fechasse a porta ao sair. Certo dia, a conversa ainda corria solta quando se ouviu um toc toc na porta. Era o proprietário que chegava para abrir o bar e iniciar um novo dia de trabalho. Outra cena ali ocorrida serviu de inspiração para o Quadro Humorístico de formatura (com charge de todos os formandos): Gabino tomando sua cerveja na mesa do Marabá, pensando no seu fiel e compenetrado amigo Arnaldo a lembrá-lo da prova na manhã já prestes a se iniciar. De indole calma e de boa paz, Gabino atendia a recomendação do amigo, mas sem pressa. Antes teria que tomar a "saideira" e terminar o assunto começado.

Ao se formar Gabino ingressou na CEMIG, depois de avaliar as inúmeras propostas que eram oferecidas aos engenheiros naquela época. Na empresa, só para encurtar a história de sua trajetória profissional, podemos dizer que só não foi Presidente, tendo ocupado cargos eminentemente técnicos ou "cuidando de gente" (como dizia o Quintão) na área de Recursos Humanos, tendo sido também fundador da FORLUX. Após se aposentar continuou trabalhando até bem pouco tempo, como Consultor. Atualmente, só não se aposentou das poesias, tendo ganho muitos concursos e publicado livros.

A seguir, o texto das homenagens.

Sobre o nosso terceiro homenageado Arnaldo - in memoriam - já tivemos oportunidade de mencioná-lo algumas vezes, mesmo porque não há como falar do Gabino sem nos lembrar de seu grande e inseparável amigo. No entanto, gostaríamos que o próprio Gabino encerrasse essa simples, porém sincera homenagem, com algumas palavras sobre ele.

Com a palavra, o Gabino.

"Tornei-me amigo do Arnaldo durante o Curso Ginásial, em Itaúna. Começamos a estudar juntos e a amizade nasceu naturalmente. Éramos muito diferentes um do outro e, apesar disso, nunca brigamos ou nos ofendemos. O motivo principal, sem dúvida, sua educação exemplar.

Terminado o Curso Ginásial, o meu próximo passo seria enfrentar um emprego. O pai do Arnaldo, porém, propôs pagar os meus estudos, para acertarmos depois de formado. É evidente a ação do Arnaldo nessa oferta, que aceitei com alegria e sem pestanejar. Assim, nos anos seguintes, em Belo Horizonte, e depois em Itajubá, fomos colegas, Arnaldo e eu.

Uma vez formados, seguimos caminhos diferentes, mas sempre cultivando nossa amizade.

Inesperadamente, o Arnaldo adoeceu e não resistiu. Seu filho tinha, então, menos de um ano. Mas o Arnaldo sabia das coisas! Havia escolhido uma mulher forte e determinada. E, nesta noite de congratamento, Míriam e seu filho Álvaro estão conosco. Sugiro, assim, uma salva de palmas para o Arnaldo, palmas essas dirigidas aos seus entes queridos.

Belo Horizonte, 1º de novembro de 2008

